



# IMPLICAÇÕES DA COVID-19 NA ADOLESCÊNCIA: EXPLORANDO AS DIMENSÕES PSICOSSOCIAIS DA PANDEMIA

IMPLICACIONES DE LA COVID-19 EN LA ADOLESCENCIA: EXPLORANDO  
LAS DIMENSIONES PSICOSOCIALES DE LA PANDEMIA

IMPLICATIONS OF COVID-19 ON TEENAGERS: EXPLORING THE  
PSYCHOSOCIAL DIMENSIONS OF THE PANDEMIC (ENGLISH)

Viviane Gomes Ferrari<sup>1</sup>

Aline de Souza Araújo<sup>2</sup>

Gabriela Rodrigues Paulino<sup>3</sup>

Vitória Oliveira dos Santos Galdêncio<sup>4</sup>

Luciana Cecília Ferraz dos Santos<sup>5</sup>

Fernanda Flaviana de Souza Martins<sup>6</sup>

---

**RESUMO:** O presente artigo objetivou compreender e analisar os efeitos psicológicos e sociais da pandemia de Covid-19 em um grupo de adolescentes. A pesquisa contou com a participação de 20 alunos, sendo 10 oriundos de uma escola particular situada na cidade de Belo Horizonte e outros 10 estudantes de uma escola pública situada na cidade de Contagem. A revisão da bibliografia subsidiou a análise das entrevistas, proporcionando uma leitura sobre as complexidades do período. Destaca-se a relevância de investigações diante da maior crise sanitária global do século XXI, visando ações para mitigar impactos e promover estratégias eficazes de enfrentamento.  
**PALAVRAS-CHAVE:** Pandemia; Adolescência; Saúde Mental; Coronavírus.

**RESUMEN:** Este artículo tuvo como objetivo comprender y analizar la extensión de los impactos psicológicos y sociales de la pandemia de Covid-19 en la vida de los adolescentes. La investigación contó con la participación de 20 estudiantes, 10 procedentes de una escuela privada ubicada en la ciudad de Belo Horizonte y otros 10 de una escuela pública ubicada en la ciudad de Contagem. La revisión sistemática de la bibliografía respaldó las entrevistas, proporcionando discernimiento sobre las complejidades del período. Se destacó la relevancia de las investigaciones ante la mayor crisis sanitaria global del siglo XXI, con el objetivo de tomar medidas para mitigar los impactos y promover estrategias efectivas de afrontamiento.  
**PALABRAS CLAVE:** Pandemia; Adolescencia; Salud Mental; Coronavirus.

**ABSTRACT:** This article aims to understand and analyze the extension of psychological and social impact of the Covid-19 pandemic on the life of teenagers. Twenty students took part in this research: 10 coming from a private school in the city of Belo Horizonte and 10 others from a public school situated in the city of Contagem. The systematic review of literature was helpful in providing insight into the complexity of the period, thus helping conducting the interviews. The relevance of investigations facing the biggest global sanitary crisis of the 21st century is also highlighted, contributing to initiatives to mitigate impact and promote efficient coping strategies.

**KEYWORDS:** Pandemic; Adolescence; Mental Health; Coronavirus.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. vferrari@sga.pucminas.br

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. alinesaraujo88@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC MINAS). gabriela.paulino791@gmail.com

<sup>4</sup> Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. vgaldencio@sga.pucminas.br

<sup>5</sup> Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. lucianaferrazspa@gmail.com

<sup>6</sup> Pesquisa conduzida sob orientação da Professora Doutora Fernanda Flaviana de Souza Martins. Docente no Departamento de Serviço Social e no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

## 1 INTRODUÇÃO

A ideia para o presente estudo derivou de um intercâmbio de informações com professores, psicólogos, outros profissionais da educação e pais de adolescentes, a partir de uma investigação preliminar que ajudou a delimitar o presente campo de pesquisa. Os depoimentos indicaram um potencial comprometimento da saúde mental desses jovens, evidenciando um adoecimento psicológico em decorrência da pandemia de Covid-19, manifestadas por sintomas de ansiedade, pânico e depressão.

Sabe-se que a adolescência consiste em uma fase de grandes transformações biológicas e sociais para esses indivíduos. Este é, portanto, um período no qual os jovens enfrentam desafios no meio familiar, na escola e nas relações sociais de um modo geral. Logo, diante de um contexto já complexo, somou-se a pandemia e todas as adversidades por ela trazidas, como o isolamento social, a convivência familiar intensa, problemas na economia doméstica e até mesmo o luto.

Por meio das entrevistas realizadas na presente pesquisa, além dos conhecimentos adquiridos através do estudo sistemático das bibliografias de referência, foi possível produzir um extenso aprendizado acerca do referido período, assim como das respostas e comportamentos adotados pelos adolescentes e a visão destes em relação aos membros de suas famílias.

Dessa forma, o propósito da pesquisa era evidenciar como e em qual medida este cenário adverso colaborou para o aumento da manifestação de sintomas relacionados a transtornos mentais entre os adolescentes. Além disso, compreendeu-se que, por meio dos resultados e análises, seria viável conceber soluções para atenuar os danos mencionados. Importa salientar que, diante da possibilidade de novas pandemias no futuro, presume-se que os conhecimentos deste estudo serão pertinentes para ações preventivas.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Saúde mental na adolescência

O período relativo à adolescência pode ser apresentado teoricamente por diversas perspectivas, dependendo da abordagem em questão e do que se pretende comunicar. Para fins legais, considera-se a idade cronológica inserida em um contexto maior, que seria o ciclo

vital completo da vida do sujeito. Algumas áreas do conhecimento, por sua vez, consideram a adolescência como o período de transição entre a infância e a idade adulta.

Por ser uma fase que envolve uma grande concentração de mudanças físicas e emocionais, a adolescência, muitas vezes, é um período repleto de turbulências e angústias. É por meio dessas transformações que o adolescente desenvolve habilidades para lidar com as adversidades, concretizando pouco a pouco a formação de sua personalidade e, por fim, adentrando na vida adulta com uma capacidade mais expandida de consolidar seus objetivos e de inserir-se no meio social de maneira saudável e produtiva, tanto para si como para os que o cercam. (CLOUTIER & DRAPEAU, 2012)

O termo "adolescência" origina-se da palavra em latim "adolescere", que significa "crescer". De fato, é o verbo que melhor caracteriza e representa o que ocorre em todas as esferas da vida do adolescente: ele experimenta o crescimento físico, adquirindo gradativamente um corpo com características adultas ao longo da puberdade, a ampliação de seu ambiente de interação social que se expande para além do núcleo familiar, a elevação das possibilidades de ser e fazer à medida que adquire independência, e o desenvolvimento de suas faculdades mentais.

Além dos aspectos sociais, físicos e psicológicos, ocorrem sucessivas mudanças na atividade neural, as quais são cruciais para o desenvolvimento de funções cognitivas relacionadas a diversos fatores, tais como o controle emocional e a tomada de decisões, auxiliando o ser humano a lidar com estressores e momentos de tensão (MIRANDA & MALLOY-DINIZ, 2021).

Essa aprendizagem está associada à neuroplasticidade cerebral do adolescente, que atravessa um período crítico de janelas temporais para a aquisição de novas habilidades. Conforme destacado por Miranda e Malloy-Diniz (2021, p. 15), "a janela temporal de um período crítico é aberta e fechada a partir de uma cascata de eventos biológicos que potencializa e é potencializada pela experiência".

O referido período está sujeito a fenômenos biológicos que resultam em experiências traduzidas por alterações fisiológicas definitivas no cérebro do adolescente, cristalizando padrões de comportamento que reverberam na vida adulta. Durante essa fase do desenvolvimento, o adolescente está suscetível ao surgimento de psicopatologias, influenciado também pelo contexto em que está inserido, principalmente por experiências negativas e aversivas. (SPEAR, 2009)

Por conseguinte, a exposição a determinados estímulos - fatores de risco - pode aumentar a probabilidade de desenvolvimento de transtornos mentais no adolescente, como, por

exemplo, condições de baixa renda, abusos físicos, psicológicos ou sexuais, negligência emocional, situações traumáticas e violentas, entre outros (APA, 2023).

Atualmente, diversos estudos indicam que os casos de ansiedade têm aumentado gradativamente em nossa sociedade nos últimos 50 anos, por diversos fatores (LEAHY, 2011), e tornou-se comum observar referências que denominam os jovens do século 21 como uma geração ansiosa.

No caso dos adolescentes, a ansiedade é frequentemente associada à dificuldade em lidar com as mudanças ocorridas nesse período do desenvolvimento, ocasionando uma grande sensação de angústia no indivíduo e aumentando a probabilidade de evolução para um quadro psicopatológico mais grave, considerando o alto índice de comorbidades entre os transtornos (APA, 2023).

Uma ressalva importante consiste em destacar que o sentimento de ansiedade em si mesmo não é intrinsecamente problemático; pelo contrário, é comum ao ser humano e necessário para a sobrevivência da espécie. O que ocorreu nas últimas décadas foi um crescimento bastante elevado dos níveis de ansiedade patológica, em muitos casos associado às mudanças no padrão de vida da sociedade moderna e pós-moderna, quando essa sensação torna-se frequente e passa a representar um obstáculo na vida do indivíduo, impedindo que ele execute suas tarefas cotidianas e causando prejuízo e sofrimento psicológico.

Dessa forma, existem fatores ambientais, genéticos e psicossociais que predis põem o desenvolvimento de transtornos mentais, não sendo, porém, possível determinar uma causa ou evento específico, dada a sua natureza multifatorial.

## **2.2 Vulnerabilidade social na adolescência**

As condições de saúde, sejam físicas ou mentais, estão intrinsecamente ligadas a questões sociais e, como discutido anteriormente, o ambiente e o contexto nos quais os indivíduos estão inseridos podem ser fatores de risco ou de proteção em relação aos transtornos mentais.

Dessa forma, ao analisarmos os impactos de determinado período ou fenômeno na saúde mental dos adolescentes, é crucial considerar os aspectos relevantes envolvidos no processo, como a vulnerabilidade social. Esta última está associada à disparidade na distribuição de riquezas, à falta de acesso a oportunidades culturais e de saúde.

Nesse contexto, Ayres et al. (2009) explicam que o conceito de vulnerabilidade social está diretamente relacionado à garantia da cidadania de populações consideradas menos favorecidas e daqueles politicamente fragilizados, sob a ótica dos direitos humanos.

No âmbito escolar, a vulnerabilidade social fica bastante evidente e passível de reflexão de acordo com as informações veiculadas pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância - UNICEF:

A exclusão escolar tem classe e cor. A situação de vulnerabilidade em que se encontram crianças e adolescentes pobres, pretas(os), pardas(os) e indígenas, no Brasil, não é uma coincidência, não é só resultado de um processo histórico que, tal como a natureza, não é previsível nem controlável, mas da manutenção de escolhas que condenam grandes parcelas da população à invisibilidade, ao abandono e ao silenciamento (UNICEF, 2022).

Assim, ao analisarmos um período de impacto na saúde e nas relações interpessoais como um todo, o conceito de vulnerabilidade adquire uma relevância ainda maior. No contexto da referida pandemia, as questões sociais relacionadas à vulnerabilidade e ao acesso aos serviços básicos de sobrevivência humana se destacam e acentuam as diferenças e desigualdades.

### **2.3 Os impactos da pandemia na vida dos adolescentes**

Considerado um dos efeitos consequentes mais observados atualmente, a saúde mental no Brasil tem sido alvo de frequente preocupação. Ao analisarmos os números de brasileiros acometidos pelo coronavírus, tivemos, no ano de 2022 (pouco mais de dois anos após o início da pandemia), a marca assustadora de 34 milhões de infectados ultrapassada, e em relação aos óbitos, mais de seiscentas mil vidas perdidas (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022). Tais estatísticas dolorosas apontam números que, por óbvio, justificam o abalo generalizado da saúde mental da população.

Refletindo sobre esse terrível episódio da nossa história, principalmente na presença de números tão alarmantes, é possível afirmar que não há no país alguém que não tenha sido abalado direta ou indiretamente pelas inúmeras consequências e particularidades desse cenário. Crianças, jovens, adultos e idosos tiveram as suas vidas transformadas subitamente e, de certo, também sofreram impactos em seu funcionamento psíquico. Não obstante, ao examinarmos o período da adolescência, nos deparamos com dificuldades ainda mais particulares a partir das características da idade discutidas anteriormente.

Com as escolas fechadas e a recomendação das autoridades de saúde para o isolamento social, os adolescentes se viram, talvez de modo inédito na vida, separados fisicamente de seus amigos e impedidos de viver normalmente suas rotinas. Essa interrupção brusca de suas conexões interpessoais num período em que a socialização é tão necessária ao desenvolvi-

mento tem o potencial de gerar consequências profundas na formação da personalidade. (OLIVEIRA et al., 2020). Nessa perspectiva, observa-se a influência do isolamento social devido à pandemia na vida dos adolescentes:

Em termos de desenvolvimento, a adolescência é um momento de maior distanciamento das figuras parentais e família e maior aproximação com os colegas, o que em períodos de pandemia não é possível diante da necessidade de ficar em casa. Nota-se ainda que o distanciamento social pode mobilizar mudanças internas ou questões subjacentes à pandemia que precipitam o surgimento de quadros psiquiátricos (OLIVEIRA et al., 2020, p. 10).

Não obstante, observou-se que o distanciamento presencial não foi um impecilho generalizado para o convívio, considerando as trocas interpessoais em ambientes digitais, que mitigaram parte do cenário descrito.

Ademais, o adoecimento psíquico dos adolescentes e a evolução de quadros de ansiedade têm sido manchetes em diversas ocasiões nos mais renomados meios de comunicação e notícias. No dia 26 de abril de 2022, a CNN Brasil noticiou um caso de surto de ansiedade coletivo em adolescentes alunos de uma escola pública em Recife. No caso em questão, 26 estudantes foram atendidos por profissionais da saúde depois de apresentarem sintomas de ansiedade simultaneamente na primeira semana de provas, após o retorno de longos dois anos de lockdown (CNN BRASIL, 2022).

Ainda, soma-se ao efeito nocivo das condições psicológicas e a afetação do desenvolvimento ocasionados pelas medidas de contenção da doença – isolamento social –, os acontecimentos relacionados diretamente à doença: muitos desses adolescentes foram ou tiveram parentes e amigos infectados. Desde jovens, foram expostos ao choque do luto, à possibilidade de adoecimento e à preocupação constante com a segurança de seus entes queridos, nas circunstâncias políticas, econômicas e sanitárias que envolvem uma pandemia.

Para Domingos e Maluf (2003), o luto que incide sobre o sistema familiar pode ser a base de alterações significativas na relação doméstica. Além disso, os autores concluíram que, devido ao impacto do luto nas atividades estudantis, algumas consequências podem ser observadas, como: “dificuldades de retomar e acompanhar as atividades escolares e manter o desempenho de antes da perda durante o primeiro ano subsequente à perda” (DOMINGOS e MALUF, 2003, p. 583).

Além de todo o contexto de socialização limitada e da insegurança e medo causados pelas reiteradas menções dos efeitos devastadores da doença, associados à obrigação de lidar de maneira tão próxima e precoce com o luto, muitas famílias ainda foram expostas a uma

situação de vulnerabilidade econômica em consequência da pandemia de COVID-19. Inúmeras pessoas se viram desempregadas e com um corte na renda, ao passo que a economia do país fez disparar os preços de produtos básicos para a sobrevivência humana. Nessa conjuntura, salienta-se o caráter desigual em que as situações narradas foram percebidas sob diferentes prismas, a depender da classe social na qual o indivíduo está inserido.

### 3 METODOLOGIA

O universo estudado compreendeu uma escola pública, situada na cidade de Contagem, e uma escola particular, situada na cidade de Belo Horizonte. As escolas foram selecionadas com o intuito de representar diferentes contextos socioeconômicos. A amostra escolhida contou com a participação de duas turmas, sendo uma de cada escola. A seleção dos adolescentes foi realizada pela coordenação pedagógica das instituições, priorizando estudantes do primeiro ano do ensino médio.

Além da revisão das informações obtidas na bibliografia de referência, foram realizadas entrevistas semiestruturadas para a coleta de dados dos adolescentes participantes da pesquisa. Para a elaboração da entrevista, considerando o problema e as hipóteses que se pretendia responder, o referencial teórico foi utilizado como base para a formulação das seguintes perguntas:

1. Conte um pouco sobre a sua família.
2. Conte um pouco sobre você.
3. Entrando no tema da pandemia, como foi para você e sua família o enfrentamento da situação naquele primeiro momento, em 2020?
4. Você e sua família se isolaram durante os períodos mais críticos de contaminação?
5. Você, algum familiar próximo ou amigo contraiu o vírus da Covid-19?
6. Sobre as mudanças relacionadas à escola, como elas ocorreram?
7. Quais as consequências desse período de isolamento social e de aulas remotas você julga que mais impactaram?
8. Com as vacinas e o controle da pandemia, como foi o retorno às aulas presenciais, à “vida normal” e às atividades de antes?
9. Hoje, considerando tudo o que viveu e sentiu, na sua percepção, o que poderia ter sido feito pela escola e pela família para reduzir os danos causados pela pandemia de Covid-19?

As entrevistas foram feitas nos dias 11 e 27 de abril de 2023, presencialmente em cada uma das escolas. Ao todo, foram entrevistados vinte adolescentes, sendo dez de cada instituição. No quadro abaixo é possível ver algumas das características dos jovens entrevistados, divididos entre sexo, idade e raça, o que nos leva a compreender parte do perfil sociodemográfico do público dessa pesquisa.

Quadro 1 - Dados sociodemográficos dos entrevistados

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS		
<b>Sexo:</b>	<b>Quant.</b>	<b>(%)</b>
Masculino	5	25%
Feminino	15	75%
<b>Idade:</b>	<b>Quant.</b>	<b>(%)</b>
15 anos	18	90%
16 anos	2	10%
<b>Raça:</b>	<b>Quant.</b>	<b>(%)</b>
Branco	12	60%
Pardo	7	35%
Negro	1	5%
<b>Escolaridade:</b>	<b>Quant.</b>	<b>(%)</b>
1º ano do Ensino Médio	20	100%
<b>Tipo de escola:</b>	<b>Quant.</b>	<b>(%)</b>
Particular	10	50%
Pública	10	50%

Fonte: Elaborado pelas autoras

Baseado no objetivo da pesquisa, nas hipóteses levantadas previamente, na leitura do referencial bibliográfico e no conteúdo adquirido através das entrevistas com os adolescentes, formulou-se as seguintes categorias de análise para apresentação dos resultados: sintomas de adoecimento mental em adolescentes durante a pandemia de covid-19; impactos da pandemia na aprendizagem dos adolescentes; a afetação das relações interpessoais no contexto da pandemia do covid-19. Para garantir a confidencialidade, os entrevistados foram mencionados através de nomes fictícios.

## 4 RESULTADOS

### 4.1 Sintomas de adoecimento mental em adolescentes durante a pandemia

#### 4.1.1 *Tricotilomania*

Lorena, uma estudante de escola privada de Belo Horizonte, compartilhou como se sentiu naquele primeiro momento da pandemia de Covid-19 no Brasil através do seguinte relato:

Assim, eu lembro que antes do covid chegar no Brasil, eu e meu pai, a gente conversava muito sobre essa doença que tava se propagando na China. E... eu tinha muito medo de chegar no Brasil porque do modo como eles falavam era, tipo assim, o mundo ia acabar se chegasse. Então eu tava com muito medo disso. Aí chegou e tipo assim, eu acho que caiu a ficha que tinha realmente gente morrendo quando alguém morreu, entende? (Lorena, e. particular, 2023).

Em outro ponto da entrevista, Lorena disse que naquela época ela ficava só em seu quarto, isolada dos demais membros da família. No decorrer da conversa, a jovem alegou que se acostumou a ficar sozinha e acrescentou:

Por mais incrível que pareça, acostumei, tipo, a resolver as coisas sozinha. Isso é uma grande dificuldade que eu tenho hoje em dia. Tipo, eu já passei por muita coisa que meus pais não imaginam. Eu tenho uma ótima relação com eles. E ninguém sabe metade do que eu já passei. O que eu passei na pandemia, meu, assim, não sabe nem um terço. E eu acho que se eu me abrisse mais, eu estaria dizendo tipo: ah, eu quero ser ajudada. Mas parece que eu não quero ser ajudada, entendeu? Parece que essa situação falou assim: não, eu só posso contar comigo mesma (Lorena, e. particular, 2023).

Ao ser questionada sobre ter sentido ou não sintomas de ansiedade durante o período da pandemia, Lorena respondeu que sim e completou: “Até hoje eu tenho ataques de pânico e até hoje eu tenho ataque de raiva. E por incrível que pareça eu não desconto nos outros, desconto em mim. Então assim, não é legal, mas estou melhorando”. (Lorena, e. particular, 2023). Em relação à manifestação dos sintomas, ela alegou:

Eu não sei explicar. Talvez quando algo, tipo assim, sai do meu controle. Quando eu não consigo controlar algo, e aí eu tenho ansiedade. Quando acumula um montão de coisa, tipo assim, pequenas coisinhas vão se acumulando de irritação. Eu vou engolindo, engolindo, engolindo, engolindo, engolindo até que eu explodo, entendeu? (Lorena, e. particular, 2023)

Em seguida, a adolescente pediu para pausar a gravação e, com a voz embargada, revelou que se automutila durante os ataques de raiva. Ela disse que arranca os cabelos, comportamento característico em um transtorno nomeado de Tricotilomania, e se fere com as pró-

prias unhas. Segundo Lorena, o quadro já existia antes da pandemia, mas se agravou no período do isolamento social. Embora os pais digam que ela pode conversar com eles sobre qualquer coisa, a jovem alega que não consegue se abrir e pedir ajuda quanto ao tema.

#### *4.1.2 Ansiedade, depressão e ataques de pânico*

A aluna de uma instituição pública na cidade de Contagem, Luiza, havia acabado de chegar à nova escola. Por isso, ainda estava se adaptando ao ambiente e fazendo novos amigos. Disse que ao observar o que estava acontecendo na China, alertou sua mãe para a necessidade de compra de máscaras de proteção, ao que a mãe respondeu “Que isso! Não vai chegar aqui não”. Luiza completou dizendo que “Acabou que aconteceu, então foi uma coisa muito do nada e, nossa, me afetou demais”. (Luiza, e. pública, 2023)

Luiza está entre os adolescentes que compartilharam o medo de perder os pais para a doença. Ao ser indagada sobre o que passava pela sua cabeça naquela época, sua resposta indicou alguns sintomas de ansiedade: “Ah, eu pensava, né? Nessa questão da minha família poder morrer, essas coisas assim. Aí já começava, é... Começava a afobar, ficava tremendo, suando, suando frio. Acontecia direto”. (Luiza, e. pública, 2023) Em outro ponto da conversa, expressou preocupações que afetaram o seu bem estar:

Ver o desespero da minha mãe, do pessoal da minha casa mexeu muito. Nossa, o pessoal entrou em desespero porque é uma coisa que ninguém tava esperando e querendo ou não mexe porque a gente precisa sair de casa para fazer as coisas. As coisas não vêm até a gente assim, né? Aí minha mãe tava vendo um esquema, se ela iria pegar dois trabalhos home Office, se meu padrasto ia trabalhar em dois empregos, um à noite e um ao dia. Então foi muito complicado assim ao ver, né? Nossa, já cansei de ver minha mãe chorando na pandemia por conta disso. Fora o psicológico, né? Porque eu tava entrando na fase da pré-adolescência, mexeu muito com meus hormônios. A gente pensa em muita coisa, muita coisa mesmo. E eu acho que na pandemia teve muitos casos de suicídio, em questão de pensar que já era o fim do mundo e tudo mais. Mexeu muito com as pessoas, principalmente adolescentes (Luiza, e. pública, 2023).

A jovem, que se articulou bem com as palavras e demonstrou boa autopercepção, seguiu falando sobre como viveu a pandemia e declarou que em alguns dias só pensava em dormir, o que levou sua mãe a achar que “estava entrando em depressão”. Luiza disse também que pensamentos vagos passavam pela sua cabeça: “Pensar é... em morte assim, uns trem assim, é uma coisa que passou. Desenvolvi muita crise de ansiedade”. (Luiza, e. pública, 2023)

Ao final da entrevista, ao ser perguntada se havia algo a mais que gostaria de trazer para a conversa, ela quis falar sobre suicídio.

Ah, eu acho que... Você falou do crescimento, né? Acho que o crescimento pessoal mesmo, né? Do adolescente nessa fase, né? Que é muitas descobertas e tudo mais, e acaba que nossa cabeça passou muita coisa e teve muito é... desenvolvimento de ansiedade, crises de raiva, crises de pânico. Todo mundo desenvolveu uma coisa que ninguém estava esperando, né? A maioria dos adolescentes hoje em dia foi pego na pandemia em questão de transição. E casos, né, de suicídio de pessoas que tiveram o mesmo pensamento que o meu, né, que não iria existir vida após a pandemia. Só que eu acho que eu tive mais pulso, né? Porque a gente não sabe o que passa na cabeça um do outro. E as pessoas que se suicidaram, talvez se sentiam sufocadas, né? Pelo momento que tavam passando. Então foi isso (Luiza, e. pública, 2023).

Questionada se conheceu alguém que cometeu suicídio ou se a ideia de fazer algo assim já passou pela sua cabeça, a adolescente respondeu que não. Mesmo se tivesse pensado, afirmou que não teria coragem de fazer algo assim. Em seguida, ela finaliza: “Eu entrei em desespero. E a minha mãe falava que eu entrei, como é que é? Em estado vegetativo. Só tava existindo. Mas aí foi isso, casos de suicídio aumentaram, pessoas em desespero”. (Luiza, e. pública, 2023)

Outros adolescentes, que apresentaram um perfil mais reservado, compartilharam menos informações sobre sua vivência e, especialmente, sobre os traumas experienciados durante a pandemia. Entretanto, mesmo algumas falas isoladas revelaram sintomas preocupantes, como no caso da jovem Morgana. Ela narrou que sentiu angústia e, em alguns dias, se deitava na cama, mas não conseguia dormir. Ela completou: “Durante a pandemia que eu estava dormindo né, aí eu acordei e começou a me dar um pânico assim, aí o meu coração começou a acelerar, aí eu não conseguia voltar a dormir de jeito nenhum”. (Morgana, e. particular, 2023)

Já Luana, uma estudante de escola pública, também trouxe à tona seus sintomas de ansiedade e abordou um tema que foi recorrente em inúmeras conversas: a dificuldade dos jovens em expressar suas emoções e pedir ajuda.

Na pandemia, eu tava, tipo assim... eu era uma pessoa mais tranquila, muito presa. Tipo, era nova também. Aí eu comecei a descobrir as coisas na pandemia. Aí, tá... aí começou a ansiedade, ficar ansiosa com as coisas, por conta da pandemia e... aítá. Aí agora que a pandemia já passou eu acho que tem mais pressão, eu carrego muita coisa que acontece. E eu acho que tipo assim... eu tento me expressar mas é bem difícil. Sabe? Fico guardando pra mim, aí depois acaba eu mesmo descontando em mim mesma. Mas... é... mas nunca cheguei a ir em médico nem nada, é só comigo mesmo. (Luana, e. pública, 2023)

O mesmo aconteceu com a jovem Bruna, que, embora tenha alegado pensamentos negativos durante a fase crítica da pandemia de Covid-19, disse que também não conseguia se

abrir: “Quando eu pensava em falar com alguém, eu sempre tive o pensamento de eu não posso contar pra ninguém, porque se não vou atrapalhar e até hoje eu tenho esse pensamento”. (Bruna, e. pública, 2023)

Determinados casos de adoecimento psíquico não tiveram a pandemia como causa, mas sim como consequência devido a conflitos familiares que foram potencializados pela intensa convivência familiar naquele momento. Trata-se do caso da jovem Diana, irmã de uma criança PcD - Pessoa com Deficiência -, que expôs em sua entrevista os problemas familiares pré-existentes. Esses problemas culminaram no divórcio dos pais durante a pandemia e um quadro depressivo da mãe, afetando-a diretamente.

Os nossos últimos 10 anos, desde o nascimento do meu irmão não foram nada fácil, (...) com as doenças dele eu cresci vendo ambulância chegando na minha casa pra pegar ele, meu pai alcoólatra batendo na minha mãe, foi tipo minha realidade durante... muito da minha vida. (...) Só que, quando meus pais divorciaram ela entrou em um estado de depressão, aí afetou a casa inteira basicamente. Foi muito difícil lidar. (Diana, e. particular, 2023)

Com o agravamento dos problemas e a queda no desempenho escolar, Diana declarou que a terapia e o remédio antidepressivo foram o que a ajudou a passar pela situação. Segundo ela, mesmo com esse contexto e duas internações (supostamente em clínica psiquiátrica), a escola não prestou o devido apoio.

Durante a pandemia. Um pouco antes de voltar. Foi quando eu percebi que tava melhorando, que as aulas ia voltar, que eu comecei a entrar em desespero... foi aí que eu tive um pico... eu, eu surtei... Eu fui internada... Em 2020, 2021, eu fui internada duas vezes. E assim, e mesmo com isso eu não tive suporte de ninguém, mesmo o (nome da instituição) sabendo que fui internada 2 vezes, ninguém me deu suporte. (Diana, e. particular, 2023)

Outra adolescente afetada por conflitos familiares, a jovem Angelina, expôs não ter boa relação com a mãe, que, segundo ela, abusa de bebidas alcoólicas. A jovem sente que não foi a pandemia que a afetou: 'Foi minha mãe, na verdade. Eu não sei, eu acho que ela ficou pior do que eu nessa questão da pandemia. Só que aí, sei lá, acabou que me afetou também, entendeu?' (Angelina, e. pública, 2023). Embora não tenha compartilhado muitos detalhes, ela contou que fez tratamento psicológico na época, mas só porque era obrigada pela mãe.

O diagnóstico de depressão durante a pandemia também foi a realidade da jovem Milena. Filha de pais divorciados, ela revelou que foi vítima de assédio por parte do pai.

Tipo assim, e a maioria dos meus problemas que eu tive na pandemia foi por culpa dele, eu entrei em depressão por culpa dele, porque tipo assim, eu ficava com

medo, eu comecei a tipo assim, eu comecei a parar de confiar nas pessoas tipo, em homem nenhum, eu não consigo acreditar em homem nenhum por conta dele, porque o meu pai... ele não chegou a fazer, mas tipo assim, ele já passou a mão em mim, sabe? (Milena, e. pública, 2023)

A jovem conta que fazia acompanhamento psicológico e uso de antidepressivos, mas resolveu parar de tomar o remédio por conta própria: “eles estavam me viciando”.

#### **4.1.3 Compulsão alimentar**

É certo que o cenário de isolamento social e, conseqüentemente, a falta de movimento e atividade física, colaborou para o sobrepeso de muitas pessoas, não apenas os adolescentes. Porém, entre os jovens entrevistados, dois casos chamaram a atenção devido à manifestação de outros sintomas.

Carla, estudante de um colégio particular, contou que o fato de ter engordado oito quilos durante a pandemia impactou muito sua autoestima. Pelo desejo de emagrecer, disse que fez acompanhamento, mas não citou com qual tipo de profissional. Ao ser interpelada se teve sintomas de ansiedade durante esse período, a jovem respondeu que sim e trouxe outros elementos para a conversa.

Eu comecei a ter uma ansiedade em, tipo, maio de 2021. E aí eu fui tendo ao longo do ano e tal, e aí eu tentava controlar, eu falava com os meus pais até que em 2021 no Natal, no dia do Natal, tive uma crise de pânico no Natal lá, e eu tive que ir pro quarto e tal... nunca passei tão mal. Aí dois dias depois do Natal eu já fui na psiquiatria. E aí ela me passou o remédio de ansiedade que eu tomo até hoje. Eu sentia tipo ...achava que eu ia morrer, meu coração ficava muito acelerado. A minha garganta eu sentia queimar, sabe? Tipo, eu ficava pensando que eu não estava conseguindo respirar. E.. é, e tipo assim, era muito estranho porque eu me afetava muito. (Carla, e. particular, 2023)

A adolescente Diana, já citada anteriormente, mencionou o ganho de vinte quilos durante a pandemia e atribui isso ao seu estado de ansiedade. Com a autoestima afetada, tinha receio pela reação que os colegas teriam quando a vissem no retorno às aulas. Seu maior medo era ser vítima de bullying, o que certamente colaborou para o agravamento do seu quadro de ansiedade e depressão.

Porque na pandemia eu acabei entrando meio que... eu comecei a ter muita ansiedade. Né? Motivos na minha família. Tudo que tava acontecendo. Acabei que engordei 20 quilos. Porque tava tipo... péssimo (ênfase). Psicologicamente, fisicamente... tudo. Então... pra voltar eu tava muito mal ainda. Então pra mim foi uma coisa que eu pensei que todo mundo ia olhar pra mim, ia apontar e rir tipo, ia me zuar... mas não foi o que aconteceu, coisa da minha cabeça, toda maluca. Mas na minha cabeça foi

tudo muito estranho, pelo medo dos outros me verem antes da pandemia e depois, porque ninguém tinha me visto até então. Pra mim todo mundo ia me apontar e me zuar. (Diana, e. particular, 2023)

Considerando todas as histórias narradas até aqui e o fato de que entre os vinte adolescentes, nove (45%) apresentaram algum sintoma de transtornos mentais, é possível estimar relevantes indícios de adoecimento psíquico dos jovens durante o período da pandemia de Covid-19. Cabe ressaltar que todas as adolescentes são do sexo feminino, correspondendo a 75% do público respondente da pesquisa.

Embora os adolescentes do sexo masculino representem apenas 25% dos respondentes, é de se estranhar que nenhum deles tenha compartilhado, em detalhes, alguma questão mais crítica relacionada à sua saúde mental. Esse cenário pode indicar a manutenção de um padrão já conhecido nos estudos da área: apesar dos avanços, ainda é um estigma para os homens, mesmo os mais jovens, falar sobre adoecimento mental. (SANTOS, 2009)

Ademais, concluindo esta categoria de análise, é plausível inferir que as principais correlações com o adoecimento psíquico apontam para aspectos como: a deterioração de relações familiares devido à convivência intensa, o agravamento de problemas familiares pré-existentes, o medo de perder entes queridos, a angústia diante do cenário de incertezas quanto ao futuro e o isolamento social.

## **4.2 Impactos da pandemia de Covid-19 na aprendizagem dos adolescentes**

Com a adoção de medidas restritivas referentes ao convívio social e conseqüente afastamento dos adolescentes do ambiente escolar, as condições externas de acesso ao conhecimento tornaram-se diversas e frequentemente desiguais, pois foram diretamente afetadas e influenciadas pelo contexto familiar e socioeconômico de cada um.

A seguir, serão utilizados dados e trechos das entrevistas realizadas com os estudantes, com o intuito de estudar e analisar o contexto do ensino e da educação no Brasil, para que seja possível categorizar e fazer observações pertinentes a respeito.

### ***4.2.1 Dificuldades de concentração***

Um dos fatores que mais influenciou negativamente a qualidade da aprendizagem dos adolescentes na pandemia foi a dificuldade de concentração relatada em diversas entrevistas, decorrente dos elementos distratores presentes nas residências dos estudantes.

Lorena, estudante de escola particular de Belo Horizonte, relata sua experiência nas seguintes palavras: “Eu acho que assim, foi uma droga, foi horrível, porque você não conseguia concentrar, você tava ali na sua casa, entendeu? Sete horas da manhã, professor, falando, falando, falando. Ninguém prestava atenção, né?” (Lorena, e. particular, 2023)

Roberto, estudante desta mesma escola, quando questionado a respeito da transição das aulas presenciais para o regime de ensino remoto, faz eco à experiência de Lorena, tendo vivenciado as mesmas dificuldades relacionadas à falta de foco nas aulas online:

Foi...foi, digamos assim, pela parte só da aula, foi... bom, porque eu não prestava atenção em nada, só que eu cheguei a... em 2020, eu não fazia nada, tipo, de atividade assim no Teams e tal. Eu quase tomei ferro. Eu fui pra última prova de matemática de 12 precisando de 10 assim... (Roberto, e. particular, 2023)

Já Carla relata sua vivência ressaltando o fato de ter se esforçado para recuperar a atenção diante da proximidade do retorno ao regime presencial, mas sentiu os déficits do ensino remoto ao notar falhas na assimilação de conteúdos que foram apresentados ao longo da pandemia, em seu sétimo ano do ensino fundamental:

No primeiro ano de pandemia eu vou admitir, tipo, eu não aprendi nada do sétimo ano, não. Porque eu ficava lá assistindo a aula, mexendo em outras coisas. Então, quando eu cheguei no meio do ano, do oitavo, começou o oitavo ano online ainda, eu já sabia que eu ia ter que prestar atenção porque ia voltar a qualquer momento. Então eu comecei a prestar atenção e tal, mas eu cheguei aqui sem saber fazer uma equação que era pra ter aprendido na durante a pandemia. (Carla, e. particular, 2023)

Ademais, alguns adolescentes, como no caso de Alice, estudante de uma escola pública de Belo Horizonte, direcionaram a atenção para suas áreas acadêmicas de preferência, dedicando-se nos estudos dos temas que mais lhes interessavam e obtendo bons resultados, mas relatando a mesma queixa relacionada ao foco quando tratava-se de outras disciplinas:

Não aprendi nada. Eu só aprendi matemática porque eu gosto. Eu tenho muita dificuldade de aprender coisas que eu não gosto. E como não era presencial foi pior ainda, porque eu não conseguia focar naquilo, num entrava na minha cabeça, eu só aprendi matemática porque é uma coisa que eu gosto muito. (Alice, e. pública, 2023)

Luana, assim como Alice, recebeu da escola pública em que estuda uma série de apostilas com exercícios a serem resolvidos em casa e entregues posteriormente para correção, não tendo, portanto, obtido auxílio direto dos professores para a realização das atividades propostas. Seu relato evidenciou suas dificuldades diante dessa modalidade de ensino, ressaltando

que, apesar de ter sido aprovada ao fim do período letivo, não teve a chance de aprender os conteúdos ministrados:

A gente estudava apostila, davam apostila pra gente estudar, mas assim... a gente não aprendia quase nada, por conta de... a gente pegava a apostila lá e a gente não conseguia entender muita coisa. Era só responder, entregar e davam ponto. Eu achei muito difícil, eu preferia muito bem ter aula online, só que não teve, mas... o importante é que a gente conseguiu passar de ano. Só que no sétimo e no oitavo ano a gente não aprendeu nada. (Luana, e. pública, 2023)

A fala de Luana, além de corroborar com as percepções de outros estudantes mencionados anteriormente, implica também em uma questão importante. Apesar das perdas terem sido percebidas em ambas as escolas, a diferença na apresentação do conteúdo aos alunos contribuiu para um agravamento da situação devido a questões socioeconômicas e a disponibilidade de recursos em cada uma das instituições de ensino.

#### **4.2.2 *Uso de telas e internet***

Durante a pandemia percebeu-se um vertiginoso aumento no uso de telas e acesso à internet por parte da população em geral. Em relação aos adolescentes, esse fator impactou diretamente a aprendizagem.

Apesar de trazer pontos positivos, como a possibilidade de manter contato com colegas e professores num período de restrições sociais, o uso da tecnologia também proporcionou alguns aspectos negativos, principalmente no que diz respeito ao uso não supervisionado, irrestrito e indiscriminado das plataformas digitais.

No decorrer das entrevistas, notou-se uma recorrência nas falas no que tange a esse assunto em dois pontos principais: um deles influencia no tópico anterior, em que muitas vezes os estudantes perdiam a concentração das aulas online ao acessar outros conteúdos na internet, como vídeos, jogos, entre outros.

De acordo com Roberto, “quando você tá na tela do computador são várias tentações assim. Tipo assim: Ah, vou só ver um videozinho, não sei o que, aí você não presta nada, você não pega nada que a aula passou.” (Roberto, e. particular, 2023).

Morgana relata condições semelhantes: “Eu acho que são mais distrações que tinha, você estava lá no computador mas você podia estar vendo série ao mesmo tempo, sabe? Você podia estar com o telefone na mão e não tinha ninguém te vigiando.” (Morgana, e. particular, 2023)

Já o segundo ponto em relação ao impacto do uso de telas e da internet na aprendizagem é o contexto de facilitação em que os estudantes optaram por obter respostas para as atividades propostas sem que houvesse esforço em aprender o conteúdo.

Thiago confia em seu relato que se reunia com outros colegas para buscar na internet as respostas para as questões de provas e exercícios. Em sua entrevista, ele conta: “eu vou falar uma coisa que eu fiz, a gente estava pegando da internet e só copiando. Aí ninguém aprendia nada.” (Thiago, e. pública, 2023).

Theo, estudante de uma escola privada de Belo Horizonte, relata uma situação semelhante: “assim, todos os alunos, incluindo eu, acaba que colava, né? Não ia naquele estudo tão focado.” (Theo, e. particular, 2023)

No mesmo sentido, Morgana admite ter realizado em grupo algumas atividades que inicialmente foram propostas como individuais, contando com o auxílio dos colegas para garantir boas notas: “todas as provas eram fechadas, eram difíceis, mas a gente fazia em grupo, né?” (Morgana, e. particular, 2023)

Zaira, estudante de escola privada, chega a contar mais detalhes a respeito dessa prática, e reflete sobre os prejuízos que o contexto trouxe para o ensino dos estudantes no período da pandemia:

E as provas, não precisa nem falar. Tinha grupo de cola. Tipo assim, eles achavam o gabarito inteiro e mandavam, e aí todo mundo tirava 10 e fazia a prova em 5 minutos, porque só ia marcando. Então eu acho que a pior parte desse trem na escola foi a gente não ter aprendido e ter continuado mesmo assim, ter continuado tipo... eles não retomam uma matéria que a gente viu nessa época. E aí a gente tem que, em casa, correr atrás do prejuízo que a pandemia trouxe, eu acho que também a gente se sente muito incapaz quando isso acontece ou se olha e fala, nossa, eu já passei, tipo, um ano e meio em casa, eu poderia muito bem ter... só prestado atenção, só saber o que é isso? Só que eu preferia ficar mexendo no celular e aí a gente se cobra, né? (Zaira, e. particular, 2023)

Dessa forma, observou-se uma confirmação acerca das hipóteses veiculadas sobre o déficit na educação no referido período analisado. O entendimento óbvio é de que tal fenômeno possui causas multifatoriais, sendo que as mais percebidas através das entrevistas realizadas foram: os estímulos distratores e a facilidade na obtenção de respostas e boas notas mediante pouco ou nenhum esforço.

#### ***4.2.3 Assistência das instituições de ensino***

Diante de um contexto tão delicado e que refletiu em muitos déficits na aprendizagem dos alunos, percebe-se que a escola tem um papel importante como fonte de auxílio para que

os estudantes passassem por tal período de maneira menos danosa possível. Porém, ao longo das entrevistas é possível perceber as limitações das instituições de ensino na prestação de suporte aos seus alunos, e evidenciam-se os impactos desse fator no contexto geral da aprendizagem dos adolescentes.

Muitos estudantes da escola pública queixaram-se da falta de assistência da escola ao entregar as apostilas de atividades, relatando a dificuldade das questões propostas e a inacessibilidade dos professores para sanar eventuais dúvidas no decorrer das aulas online.

Maria diz em seu relato: “Não tava podendo ir pra escola, só que era bem ruim e eles passaram um canal também na televisão pra gente poder ver. (...) Tinha um professor com a gente. Ele só falava e a gente escutava.” (Maria, e. pública, 2023). Já Luana falou por si e por seus colegas de classe: “A gente pegava a apostila lá e a gente não conseguia entender muita coisa.” (Luana, e. pública, 2023)

Pelos diversos motivos já citados, a absorção e assimilação de conteúdos do currículo acadêmico básico sofreu prejuízos. Nesse sentido, Zaira lamentou a ausência de uma política de redução de danos ou revisão de conteúdos anteriores no processo de retorno às aulas presenciais: “eles não retomam uma matéria que a gente viu nessa época. E aí a gente tem que, em casa, correr atrás do prejuízo que a pandemia trouxe.” (Zaira, e. particular, 2023)

Contudo, apesar de todas as ressalvas, diversos alunos, quando foram perguntados a respeito de possíveis estratégias para sanar os prejuízos relatados, disseram que, apesar dos déficits sofridos no processo de aprendizagem, as metodologias ofertadas pelas instituições de ensino estavam adequadas à realidade e não souberam fornecer alternativas hipotéticas.

### **4.3 Afetação das relações interpessoais no contexto da pandemia**

Considerando a importância das relações interpessoais de maneira geral, foi possível, através das entrevistas analisadas, observar uma extensa quantidade de informações relevantes e que trouxeram de alguma forma impacto para a vida dos adolescentes. O período de isolamento em questão gerou profundas mudanças no que tange ao desenvolvimento dos entrevistados, e algumas delas perduram até os dias de hoje. Alguns pontos foram destacados como o distanciamento dos amigos, a convivência familiar e o processamento do luto aliado ao medo da perda.

#### **4.3.1 O distanciamento dos amigos**

Em um momento marcante para a toda a população mundial, o período pandêmico e a necessidade de isolamento promoveram mudanças abruptas e altamente relevantes nas relações entre as pessoas. Considerando o público participante da presente pesquisa, observou-se certo agravamento dos impactos devido às particularidades desta faixa etária.

O fechamento das escolas foi o principal fator de afastamento entre os adolescentes. Isso, por óbvio, devido ao fato de as instituições de ensino serem os principais ambientes de trocas relacionais e convivência com pessoas da mesma idade. Além disso, sabemos também como as amizades nesse período da vida têm extrema importância no desenvolvimento e crescimento pessoal dos indivíduos.

Sobre esse período de distanciamento dos amigos, alguns alunos compartilharam os sentimentos ao cumprirem as determinações de isolamento. Lorena e Hugo citaram: “Eu acho que a gente ficar tipo assim, sem contato com ninguém que não é da família, é bem difícil” (Lorena, e. particular, 2023); “Ah, eu sentia um sentimento de solidão assim. Eu não podia sair de casa pra encontrar meus amigos e tals” (Hugo, e. particular, 2023). No mesmo sentido, Zaira afirmou:

Eu acho que a gente fica muito carente de atenção, tanto de amigo, tanto de relação amorosa, tipo namorado e tudo, então tipo assim (...) eu preciso de amigos, eu preciso de tipo, de sair, eu preciso de qualquer coisinha (...) Igual ir ao supermercado que eu falei, qualquer coisinha, porque tinha convivência humana, eu ficava super feliz. (Zaira, e. particular, 2023)

Por outro lado, aqueles que vivenciaram o referido período de maneira mais flexível relataram ter menos impacto do que os demais. À respeito disso, Morgana relatou:

Eu vou começar dizendo que minha pandemia foi bem diferente das outras. Porque assim, meu pai não parou de trabalhar, (...) e minha mãe parou por um mês e depois ela voltou normalmente também. E a gente encontrava com dois casais de amigos específicos todo final de semana praticamente. Então foi bem diferente, foi uma convivência (...) não foi tão rigoroso. A gente não sofreu tanto igual as outras pessoas que a gente viu, que ficava só dentro de casa, sabe? (Morgana, e. particular, 2023).

Nesse sentido, houve também outro fator que influenciou sobremaneira nas relações interpessoais com os amigos: a tecnologia. Os entrevistados - quase em sua totalidade - informaram que mantiveram contato com as amizades anteriores ao período de isolamento de maneira virtual. O exemplo de Roberto ilustra o fato: “uma coisa que também eu fazia e que me conectava e conectava os outros é jogar, jogar Fortnite” (Roberto, e. particular, 2023). Zaira, por sua vez, atribuiu extrema valorização à possibilidade das ligações de vídeo dizendo:

(...) minhas amigas eu via bem pouco também e aí eu passava o dia inteiro ligação com elas sempre. E era ligação de vídeo. Eu acho que até hoje eu não consigo mais ligações sem ser tipo de vídeo. (...) É, acho que era a melhor parte do meu dia, era ligar para minhas amigas de vídeo, acho que era tipo a maior convivência que eu tinha. (Zaira, e. particular, 2023)

Ainda, considerando a relevância da tecnologia para a manutenção do contato entre amigos, surgiu também um ponto de atenção. Uma das entrevistadas levantou alguns problemas oriundos dessa forma de contato, sendo o primeiro deles a problemática das vidas perfeitas nas redes sociais e o excesso de comparação em detrimento da (própria) vida real.

Porque com a pandemia a gente ficou muito conectado na internet né? Conectado no Tiktok, no Instagram, então acabou que aumentou aquele padrão que já existia, acabou aumentando muito e todo mundo ficou se comparando. Eu ficava vendo aquelas meninas do Tiktok, perfeitas, e eu ficava ‘meu Deus, eu nasci errado’; meu cabelo é cacheado e eu ficava querendo ter cabelo liso, tipo assim, me encaixar”. (Diana, e. particular, 2023)

Ademais, Angelina levantou uma questão de extrema importância, principalmente em relação às crianças e adolescentes, sobre a possibilidade de fraude em relação às pessoas do outro lado da tela.

Mas na época, eu fiquei muito, é... naquela procura de tipo, de alguém pra conversar, sabe? Muito carente (...) depois que eu descobri que não era mil maravilhas na internet”. (...) lá tem muito servidor público, se você entrava lá você conhecia gente até de outro país. Entendeu? De vários lugares, você não tem conhecimento de quem que é essa pessoa por trás das câmeras, por trás da voz, por trás das mensagens. Isso é muito ruim, muito perigoso, muito perigoso. Entendeu? E como eu era muito pequena, eu não tinha maturidade pra saber, mesmo com os avisos do meu pai acabava que fazia escondido. (...) meu pai além dele me proibir de conversar com essas pessoas erradas, ele me proibiu de conversar com as certas também e isso foi ruim. (Angelina, e. pública, 2023).

Dessa forma, verificou-se que o distanciamento dos amigos foi fonte de sofrimento e angústia por parte dos adolescentes, mas, ao mesmo tempo, ensejou outras formas de se relacionar. A possibilidade tecnológica cumpriu um papel fundamental na manutenção dos antigos e criação de novos relacionamentos interpessoais.

#### **4.3.2 A convivência familiar**

Em um movimento inverso ao relatado no contexto das amizades, com a obrigatoriedade de viver – e conviver – de maneira intensa com os próprios familiares, as relações parentais também tiveram que se readequar ao novo formato. Dessa forma, alguns dos entrevista-

dos atribuíram o êxito em romper o referido período da melhor maneira possível à relação familiar. Sobre isso, Zaira afirmou: “Acho que o que salvou foram as pessoas da minha família, com certeza” (Zaira, e. particular, 2023), após contar que sua mãe e seu tio se empenhavam em criar tarefas divertidas e proporcionar momentos de descontração em família.

Uma das alunas até mesmo atribuiu um sentido positivo ao período pandêmico baseado na melhoria das relações familiares. Acerca disso, Vick disse: “a gente sabe que é ruim, mas, tipo assim, antes da pandemia (...) as pessoas são muito conectadas. A família não conversava por causa do celular. Depois da pandemia acho que as famílias estão mais ligadas”. (Vick, e. pública, 2023) No mesmo sentido, Theo também relatou: “Acho que no meu crescimento psicológico foi muito bom, porque aí eu pude parar, pensar e trabalhar melhor essa questão com o meu pai”. (Theo, e. particular, 2023)

Outros relataram problemas nesse convívio, como Luiza, que abordou a dificuldade de convivência intrafamiliar: “muito difícil. Nossa, eu nunca pensei que seria tão difícil conviver com a minha irmã, com o pessoal em casa em si, porque tava tudo na flor da pele, né? Ficar todo dia vendo o rosto das mesmas pessoas. Surtei.” (Luiza, e. pública, 2023)

Desse modo, percebeu-se que a vivência desse período não seguiu um padrão em relação ao ambiente familiar. Tanto alunos da rede pública quanto alunos da rede privada de ensino tiveram percepções e experiências únicas. Apesar disso, observou-se a importância das relações familiares saudáveis contribuindo para um melhor manejo da situação crítica e o contrário também se confirmou através das análises.

#### ***4.3.3 O processamento do luto e medo da perda***

Ao analisar a temática do luto, observou-se um baixo índice de pessoas que relataram algum fato envolvendo graves consequências de saúde ou óbitos no âmbito das relações com pessoas mais próximas. A grande maioria da amostra populacional entrevistada teve apenas sintomas leves no contato com o vírus em questão.

Não obstante, salienta-se a importância do referido tema para compreender os impactos do processo de luto e o contato direto com o medo da perda em adolescentes no contexto pandêmico.

Um dos casos que podem ser citados nesse contexto é o de Tiago, que perdeu o avô, o tio e o irmão durante a pandemia. Os dois primeiros por complicações decorrentes do coronavírus e, o irmão, ainda durante a gestação. Todos esses episódios fatais e trágicos contribuíram para que Tiago refletisse dizendo que sua “mentalidade ficou fraca” (Tiago, e. pública,

2023) e destacou o medo de contrair o vírus – tanto ele próprio quanto em relação à sua família. Contudo, apesar de todas essas perdas, Tiago concluiu sobre o processamento do luto: “acho que ao longo do tempo a gente vai acostumando, por que é muita gente né”. (Tiago, e. pública, 2023)

Outro aluno que também relatou ter sido impactado por esse processo diretamente foi Theo, cujo avô ficou internado com comprometimento pulmonar. Theo relatou ainda que o medo de contaminação permaneceu de forma intensa, mesmo após o retorno parcial às atividades e relatou ter sentido sintomas ansiosos.

Ademais, em relação à experimentação do luto observado em figuras de importância, como no caso de Zaira, que assistiu à avó sofrer pela perda de uma amiga íntima, infere-se a capacidade de tais acontecimentos gerarem um amplo processo de reflexão diante da vida. Isso porque o luto vivido por esses adolescentes – e por muitos outros não entrevistados -, foi, em várias ocasiões, a primeira experiência concreta de perda.

Sobre o episódio supracitado, Zaira relatou: “E aí ela contraiu covid, (...) eu lembro que ela foi entubada. (...) Foi horrível, todo mundo tava mal, e aí, na hora que ela morreu, parece que o chão de todo mundo lá em casa caiu” (Zaira, e. particular, 2023). Posteriormente, a aluna expressou um processo de amadurecimento e reflexão acerca do episódio, sopesando as dores e os incômodos que havia sentido em comparação com outras perdas maiores de outrem. Ela disse:

O que eu estou reclamando que eu estou sozinha? Tem gente morrendo, tem gente perdendo o pai e a mãe, e aí eu logo pensei na Jamile. Ela tinha perdido a mãe, e eu tô aqui reclamando que eu tô sozinha em casa e aí a gente começa a martelar com tanta coisa na cabeça. (...) eu acho que é porque tipo assim, esse foi o maior sofrimento que a gente já teve na vida. Então, pra gente é muito. Só que às vezes pra ela tá tendo três vezes pior. (...) É igual criança quando cai, quando cai sozinha e faz o maior escândalo, eu acho que é porque é a maior dor que ela já sentiu na vida dela. (Zaira, e. particular, 2023).

Acerca das análises mencionadas, observou-se um amplo impacto das relações interpessoais na vida dos adolescentes, dentro e fora de contexto de pandemia. Algumas das relações parentais que já eram críticas, acabaram por serem agravadas, outras foram interrompidas pelo mesmo motivo. Algumas também foram consideradas o principal alicerce para a boa recuperação desse período.

No que tange aos amigos, vimos que houve uma grande perda nas trocas pessoais, mas isso não foi o suficiente para afastar completamente as trocas relacionais. Atribuímos, em grande parte, o avanço tecnológico que proporcionou aos indivíduos manterem suas conexões

mesmo que à distância. Nesse ponto, salientamos também a criticidade das relações virtuais que trouxeram também, em alguma medida, impactos negativos à vida dos adolescentes.

Para concluir, a afetação das relações interpessoais no contexto da pandemia pode ser contemplada sob a ótica de uma frase dita por uma das alunas entrevistadas. A sentença em questão se destacou devido ao poder de síntese para referir-se ao período em foco, além do próprio significado que carrega. Após apresentar inúmeras reflexões oriundas de um intenso processo de amadurecimento vivido durante a pandemia, a aluna resumiu com as seguintes palavras: “abstinência de viver” (Zaira, e. particular, 2023), apontando para a imensa importância das relações e do caráter relacional da personalidade humana.

## 5 CONSIDERAÇÕES

Diante do exposto, após a cuidadosa análise dos dados coletados, é possível inferir a relevância do presente estudo para aqueles que desejam compreender a perspectiva dos adolescentes em relação às suas vivências particulares durante o período de pandemia global iniciado em março de 2020. Os relatos, variando em detalhes de acordo com a personalidade e a autopercepção de cada jovem, comunicam seus medos, anseios, sintomas e até mesmo expectativas sobre as consequências disso em seu futuro.

As instituições de ensino que abriram suas portas para a realização deste trabalho indicaram estar cientes dos problemas e, de certa forma, também vêm enfrentando os efeitos pós-pandemia de coronavírus em seu cotidiano escolar. É provável que, por isso, tenham enxergado valor e demonstrado interesse na pesquisa, colaborando de forma ativa para a sua realização, o que foi fundamental para os resultados obtidos.

No que diz respeito aos adolescentes que participaram do estudo, cabe ressaltar que todos se dispuseram a compartilhar informações sobre suas vidas, rotinas e relacionamentos. Enquanto alguns foram mais objetivos nas respostas, outros detalharam suas tensões familiares, angústias e quadros clínicos, diagnosticados ou não por um profissional de saúde mental. Chama a atenção o fato de que 75% dos participantes eram mulheres, indicando maior inclinação desse gênero para falar sobre seus desconfortos e sua saúde mental.

Para responder à pergunta que deu origem a essa pesquisa, que indagava “de que maneira a pandemia colaborou para o aumento dos casos de ansiedade entre os adolescentes estudantes do primeiro ano do ensino médio das escolas públicas e privadas de Belo Horizonte?”, é necessário pontuar algumas questões utilizando como referência as hipóteses levantadas previamente.

Em conformidade ao que foi hipotetizado, os impactos de ordem financeira foram percebidos de maneira dicotômica entre alunos da rede pública e da rede privada de ensino. Assim, não foram reportados problemas financeiros por parte dos alunos da escola privada, cenário oposto ao relatado pelos jovens da instituição pública, que compartilharam informações sobre perda de emprego ou redução da renda de seus familiares durante a fase mais crítica da pandemia.

Quanto ao luto, não foram encontrados dados significativos nas entrevistas para associar esse fator ao adoecimento mental dos jovens alunos, uma vez que poucos perderam pessoas próximas para a doença. No entanto, a literatura sobre a temática é extensa, e sabe-se que eventos adversos e a simples menção aos adoecimentos e mortes das milhares de vítimas do coronavírus podem ter contribuído, mesmo que de maneira indireta, para os sintomas de adoecimento psíquico apresentados pelos adolescentes.

Ademais, o fator mais presente em vários dos aspectos compartilhados pelos entrevistados foi o isolamento durante os períodos de quarentena. Suas consequências estão expostas nas relações sociais, nos problemas da convivência familiar e nas dificuldades relacionadas à escola.

Dessa maneira, é válido afirmar que os objetivos da referida pesquisa foram alcançados, uma vez que houve a possibilidade de se produzir conhecimento acerca da temática, além de proporcionar compreensão sobre algumas questões que podem ter contribuído para os diversos quadros de sintomas de transtornos mentais nos adolescentes.

Contudo, a presente pesquisa apresenta limitações. Justamente por se tratar de um contexto multifatorial, não há proposições de soluções simples, isso porque envolve todas as esferas da vida desses indivíduos - família, escola, relacionamentos -, além das complexas questões biológicas e psicológicas do sujeito.

Destarte, cabe ao público de interesse deste estudo, ou seja, pais, responsáveis, escolas, profissionais da saúde, entre outros, a utilização de seus dados para a construção de alternativas para mitigar as consequências persistentes do período pandêmico. Além disso, se pensarmos na pandemia como uma situação que pode vir a se repetir no futuro, avaliar os acertos e erros dessa experiência pode fornecer insights para lidar com as adversidades de forma mais assertiva, caso seja necessário.

## REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5, texto revisado. Porto Alegre: Artmed Editora LTDA, 2023.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE MINAS GERAIS. Pandemia de COVID-19: múltiplas perspectivas, 2021. Disponível em: <[www.dspace.almg.gov.br/handle/11037/43336](http://www.dspace.almg.gov.br/handle/11037/43336)>. Acesso em: 23 out. 2022.

AYRES, JRCM.; FRANÇA, Júnior I.; CALAZANS, GJ.; SALETTI, Filho HC. O conceito de vulnerabilidade e as práticas de saúde: novas perspectivas e desafios. In: Czeresnia D, Freitas CM, organizadores. Promoção da saúde – conceitos, desafios, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003. p. 117-38.

CARRANÇA, Thaís. Crise de saúde mental nas escolas: ‘Alunos estão deprimidos, ansiosos, em luto e faltam psicólogos’. BBC NEWS BRASIL, 2022. Disponível em: <[www.bbc.com/portuguese/brasil-62613309](http://www.bbc.com/portuguese/brasil-62613309)>. Acesso em: 11 set. 2022.

CLOUTIER, R. DRAPEAU, S. Psicologia da adolescência. 3º edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2012

CNN BRASIL. Surto de ansiedade coletiva acende alerta sobre saúde mental de estudantes. Disponível em: <[www.cnnbrasil.com.br/saude/podcast-e-tem-mais-surto-de-ansiedade-coletiva-acende-alerta-sobre-saude-mental-de-estudantes/](http://www.cnnbrasil.com.br/saude/podcast-e-tem-mais-surto-de-ansiedade-coletiva-acende-alerta-sobre-saude-mental-de-estudantes/)>. Acesso em: 01 out. 2022.

DOMINGOS, Basílio. MALUF, Maria Regina. Experiências de Perda e de Luto em Escolares de 13 a 18 Anos. Psicologia: Reflexão e Crítica. 2003, 16(3), pp. 577-589.

GORDIA, Alex Pinheiro. SILVA, Rosane Carla R. QUADROS, Teresa Maria B. CAMPOS, Wagner de. Variáveis comportamentais e sociodemográficas estão associadas ao domínio psicológico da qualidade de vida de adolescentes. Revista Paulista de Pediatria. 2010;28(1):29-35.

LEAHY, R. Livre de ansiedade. Porto Alegre: Artmed, 2011.

MINISTÉRIO da Saúde. Painel de casos de doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde. Brasil, 2020. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 28 set. 2022.

MIRANDA, Débora Marques de. MALLOY-DINIZ, Leandro Fernandes. O Adolescente: Desenvolvimento Humano no Ciclo da Vida. 1.ed. São Paulo: Hogrefe, 2021.

OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de. DA SILVA, Jorge Luiz. ANDRADE, André Luiz Monezi. MICHELI, Denise de. CARLOS, Diene Monique. SILVA, Marta Angélica Iossi. A saúde do adolescente em tempos da COVID-19: scoping review. Cadernos de Saúde Pública. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Histórico da pandemia de COVID-19. Disponível em: <[www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19](http://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19)>. Acesso em: 23 out. 2022.

SANTOS, Anna Maria Corbi Caldas dos. Articular saúde mental e relações de gênero: dar voz aos sujeitos silenciados. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 1177-1182, 2009.

SCOTT, J. B. et al. O conceito de vulnerabilidade social no âmbito da psicologia no Brasil: uma revisão sistemática da literatura. *Psicologia em Revista*, v. 24, n. 2, p. 600–615, 2018.

SENNA, S.R.C.M. DESSEN, M.A. Contribuições das Teorias do Desenvolvimento Humano para a Concepção Contemporânea da Adolescência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Jan-Mar 2012, Vol. 28 n. 1, pp. 101-108.

SIEGEL, D. Cérebro adolescente: o grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos. 1º edição. São Paulo: nVersos. 2016.

SPEAR, L. P. Heightened stress responsivity and emotional reactivity during pubertal maturation: Implications for psychopathology. *Development and Psychopathology*, v. 21, n. 1, p. 87-97, 2009. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19144224/>>. Acesso em: 23 out. 2022.

UNICEF. Impacto da covid-19 na saúde mental de crianças, adolescentes e jovens é significativo, mas somente a “ponta do iceberg.” Disponível em: <[www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/impacto-da-covid-19-na-saude-mental-de-criancas-adolescentes-e-jovens](http://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/impacto-da-covid-19-na-saude-mental-de-criancas-adolescentes-e-jovens)>. Acesso em: 23 out. 2022.